

Religião e Cultura numa amizade

João Baptista Magalhães

Deram-me o tema Religião e Cultura. O propósito é deixar um testemunho numa homenagem a um amigo. E criaram-me dois problemas: o primeiro é escrever sobre um tema de referências incomensuráveis e recear nada conseguir dizer que mereça algum significado; o segundo é sentir que o desafio é feito a um agnóstico desleixado de um tema caro a uma eminente personalidade da Igreja e da Cultura.

Reconheço, entretanto, uma vantagem: tornei-me amigo do Prof. Arnaldo de Pinho há mais de meio século, o tempo suficiente para que as limitações sejam toleradas e o sentido do propósito desta reflexão seja compreendido, mesmo que ao seu resultado falte, como diria o poeta, "engenho e arte", ou, por outras palavras, saber e talento.

O tempo constrói os vínculos que vão cimentando a amizade. No dizer de Marguerite Yourcenar, o Tempo é "esse grande escultor" que molda não só sentimentos, mas também interrogações, mistérios e perplexidades vividas nos pedaços da nossa relação com os amigos, a história, a vida e o mundo. E, nesse moldar, se vai configurando a memória da Amizade, da Cultura e da Religião.

Na amizade, o tempo tem uma dimensão diferente daquela que ganha na economia, na história, na vida impessoal e cósmica. O tempo dos amigos é calmo, torna-se fecundo pelo decorrer sem pressa e, mesmo quando se diz perdido, não é, como na economia, um *deficit*, mas uma mais-valia.

A amizade precisa do lento. No tempo lento, constrói-se a intimidade e é nela que se funda a saudade e, com ela, a recordação dos melhores episódios vividos.

E só por isso vale a pena ter amigos. Ensinam-nos que o passo que leva em frente o presente é vivido já com a nostalgia de quem não se desprende do que ficou para trás. E, neste sentimento, há uma espécie de “poética da saudade”. Não só a “memória do passado” nos faz sentir os sulcos da partilha de alegrias, das boas e más horas, das tristezas e esperanças, como também projetámos na “memória do futuro” a esperança de que, num tempo outro, no tempo que está para vir, se possa voltar a viver esses momentos, se reencontre a mão amiga disponível para compreender os nossos problemas, ser benevolente e solidário nos momentos mais sombrios e difíceis.

Por isso, Aristóteles, na *Ética a Nicómaco*, garantiu: “Sem amigos ninguém escolheria viver, ainda que houvesse outros bens.” E Epicuro, considerado o filósofo da amizade, nas suas “Máximas”, assegurou: “De todas as coisas que a sabedoria nos oferece para a felicidade da vida, a maior é a amizade.”

É isso que posso testemunhar da nossa amizade. Mesmo durante o tempo em que cada um teve de se ausentar por razões da vida, os encontros esporádicos eram sempre presenças sem descontinuidades.

Neste tempo que hoje vivemos, tempo frenético, marcado pelo efêmero e pela primazia do “aqui e agora”, tempo de desencantamento das paixões políticas e da militância, tempo de asfixia das utopias, só a amizade consegue abrir as portas da esperança, oxigenar a vida e rasgar horizontes de sentido.

Os estoicos, nomeadamente Séneca nas suas “Cartas”, definem uma característica fundamental da amizade, que, particularmente, sinto como evidente: “mesmo quando o amigo é um sábio, com saber suficiente para dispensar ouvir o outro [como é o caso do Prof. Arnaldo de Pinho], só na amizade encontra espaço para partilhar, com felicidade, o seu saber”.

A amizade pertence à lógica do coração (que a razão desconhece, como diria Pascal), põe-nos ao serviço da boa vontade, faz-nos compreender que não basta defender a justiça para ser justo, amar a paz para ser pacífico, proclamar a verdade para ser verdadeiro: o que mais importa é a autenticidade. Por ela se entende que pouco interessa a justiça, se não a soubermos viver, de nada serve falarmos de paz, se não formos tolerantes e de nada serve proclamarmos a verdade, se não formos sinceros.

E por ser uma coisa nobre, a amizade tem a sua expressão mais excelente na Religião e na Cultura. Por alguma razão, Cultura tem a ver com o que se cultiva (e, naturalmente, com o que se colhe) e Religião (de *re-ligare*) com o criar laços.

Nessa aproximação, o papel da cultura é aprofundar as propostas de orientação para os problemas fundamentais da nossa existência: combater o

mal, viver de harmonia com uma ideia de verdade e encontrar um sentido para a vida, para a nossa relação com os outros e o mundo, que nos torne felizes.

O papel da Religião é indicar-nos o melhor caminho a seguir e até no fundamentalismo religioso, de forma paradoxal e absurda, há essa preocupação, segundo a interpretação de quem o pratica. Simplesmente, é uma preocupação vivida num delírio de medo, medo da influência de outras crenças ou outras culturas.

O mal, para o fundamentalismo, não tem a sua causa na mancha de um pecado ou de uma culpa original distribuída por todos os seres humanos, como era a explicação de natureza bíblica e religiosa, mas, como referem os psicanalistas, numa espécie de "narcisismo da morte" que vira os seus praticantes para dentro de si mesmos e, fechados num desespero de medo do que vem do exterior, desenvolvem o desejo de liquidar a diferença.

Nesse delírio amedrontado, foi destruída a mediação temporal que introduz, como refere Ricoeur (in *Conflito de Interpretações*), a necessidade de contextualizar para poder fazer uma interpretação crítica e mais aproximada do sentido dos textos sagrados.

Descontextualizando, o fundamentalismo traduz-se numa postura primária de um grupo que se arroga, unilateralmente, de possuir o privilégio de ser o único intérprete de uma verdade absoluta sobre o caminho para a felicidade. E porque não abre mão dessa postura, o grupo enclausura-se na crença de estar colocado no lugar onde ficou o bem, e tudo o que ficou de fora é diferente de si, consubstancia o mal real.

Contra este maniqueísmo, já Santo Agostinho se tinha insurgido, defendendo que não há um mal em si de um lado e um bem em si do outro, como dois princípios opostos. No entender de Hannah Arendt, na sua tese sobre o Doutor da Igreja, o mal não é uma coisa que exista por si mesmo ou possa ser banalizada, mas uma privação do bem, tal como a obscuridade é uma privação da luz. Na sua origem, está uma desorientação que leva a enveredar por um sentido oposto à direção traçada pela pegada deixada na maré baixa por um amigo, o Sumo Bem.

A excelência da Religião, mesmo para um agnóstico, encontra-se na evidência de que Deus, por nenhum motivo, em hipótese alguma, pode ser causador do mal. E ninguém o percebeu melhor que Dostoiévsky, quando, nos *Irmãos Karamazov*, no capítulo "Diálogo com o demónio", afirma, de modo contundente: "Se deus não existir, tudo será permitido."

Se o mal e o sofrimento não podem ser para a Cultura a razão de viver, muito menos poderão constituir para a Religião uma orientação na vida.

É isso que Ricoeur nos dá a entender, quando, na sua interpretação do "Livro de Job", sublinha: "Às pessoas que sofrem e que são tão prontas a

acusar-se de qualquer falta desconhecida, o verdadeiro pastor das almas dirá: Deus, certamente, não quis isto; eu não sei porquê; eu não sei porquê..." (*Le Scandale du mal*).

Penso que um agnóstico, depois de ler o livro *Caim*, concorda mais com Dostoievsky ou Ricoeur do que com José Saramago.

A Religião não é simplesmente uma crença, um conjunto de ritos ou orações, mas uma maneira de viver e encarar o mundo, em função de um conjunto de referências e valores que dão um sentido à vida. Foi este o testemunho que recebi, num convívio iniciado há mais de meio século, com o teólogo e amigo Prof. Arnaldo de Pinho.

Não precisamos de justificar a amizade com o encontro entre crenças ou pela persuasão argumentativa. Os amigos não precisam de certificar acordos nem de profetizar a morte de Deus, como fez Nietzsche. Basta-lhes viver de harmonia com uma reta intenção e serem autênticos no seu proceder

Recorrendo à metáfora dos "jogos de linguagem", utilizada por Wittgenstein, diria que, entre o crente e o não crente, o denominador comum não está nas narrativas que cada um prossegue, mas nas regras da partilha. Ou seja, no respeito recíproco por convicções ou crenças. É a partir desse respeito que se abre espaço ao diálogo, à partilha de pontos de vista diferentes.

E nessa partilha, o mais importante não é o que se impõe de forma universal, como um imperativo categórico. Há um lado significativo do Homem que não se joga ao nível das preocupações racionais, e esquecer esta parte, a que se prende com os sentimentos, é não estabelecer amizade com o homem inteiro.

A virtude da amizade não se sujeita ao controlo da razão. Todo o controlo tende a escorregar para a tirania e não podemos ignorar que a razão, depois de se voltar para a dominação da natureza, virou-se para a dominação dos homens. Não foi em seu nome que o poder falou para justificar *goulags*, torturas e assassinatos?

Mas não é preciso cair no extremo e considerar a razão como adversária da vida. O papel crítico da razão é fundamental para compreender a vida e não para alguém se apoderar de uma verdade.

No próprio campo da epistemologia, a ideia de que a verdade é uma e representa um espelho da realidade, uma cópia do que está "realmente aí" (independentemente de um modo de ver, de um ponto de vista), sucumbiu logo, na modernidade, com a crítica de Kant ao modo como conhecemos e, mais recentemente, com a ideia de Wittgenstein de que a verdade ou falsidade não diz respeito a critérios universais e atemporais, mas a "jogos de linguagem" ou, como lhe chamou Thomas Khun, a paradigmas, sistemas de crenças.

Inclusivamente, o otimismo do papel da ciência na construção de uma verdade objetiva foi-se diluindo com a Teoria da Relatividade e a Mecânica

Quântica, nomeadamente com o Princípio da Incerteza de Heisenberg. A ciência apresenta-se, hoje, de forma menos ambiciosa, configurando apenas uma das interpretações possíveis do mundo, feita de conjeturas e refutações, como diria Popper.

Não só já nos desprendemos da ideia de ser possível um conhecimento que represente objetivamente a realidade, como já não falamos de ciência mas de ciências, e a própria demarcação que os positivistas faziam entre a narrativa científica e outras narrativas deixou de ser relevante.

Como afirma Khun, a ciência não é uma atividade que procure a verdade, mas a resolução de enigmas, através de um modo de ver e padrões de solução de problemas, adotados por uma determinada comunidade científica. Mudando o modo de ver ou paradigma, a verdade, entendida como solução, será relativizada. Isso aconteceu com a mudança de percepção do mundo que o sistema newtoniano fez em relação ao ptolomaico, e, mais recentemente, a teoria da relatividade em relação à concepção de Newton.

Não vale a pena, por isso, pensar que a amizade se solidifica à prova da refutação científica ou na rota de um iluminismo que só valoriza o poder da demonstração racional. Isso não é possível e, mesmo que o fosse, teríamos de aceitar que, sob o ponto de vista epistemológico, o conhecimento científico é um modo de ver, sem qualquer privilégio de verdade, semelhante a uma crença, como bem referiu Feyerabend (*Contra o método*).

É na sede de vida que se justifica a amizade e não pela procura de um abrigo "à prova de bala". E, se nela queremos procurar a verdade, o melhor é recorrer à ideia de desocultação, de desvelamento interpretativo que leva a encontrar o que está oculto, como pensava Heidegger.

Nesse esforço, é prudente ter em conta o que sublinhou Wittgenstein: "Os aspectos para nós mais importantes das coisas estão ocultos, devido à sua simplicidade e familiaridade. (E isto porque não se repara no que está sempre diante dos olhos.) Ao investigar, não ocorre quais são os fundamentos reais da sua investigação, a não ser que isso já lhe tenha ocorrido uma vez. – E isto significa que não nos impressiona aquilo que, uma vez visto, aparece como sendo o aspecto mais saliente e mais forte" (in *Investigações Filosóficas*. #129).

Na amizade, o que "está sempre diante dos olhos" são testemunhos de vida, para os quais, quase sempre, só os amigos não estão distraídos.

Os testemunhos de vida apelam-nos a uma outra razão, à razão comunicativa, e têm um valor moral que os colocam, no plano da sinceridade, a falar mais alto que a própria verdade sobre o que é fundamental na existência: tomar consciência do papel que nos está reservado no mundo.

Não deixa de ser curioso que, para Platão, o pressuposto do conhecimento seja o diálogo entre amigos. E Aristóteles, num texto já referido (*Ética*

a *Nicomáco*), tenha sublinhado que a amizade é a forma privilegiada de cada um ganhar consciência de si próprio, uma vez que a consciência de si necessita do contraponto com a contemplação das ações do outro. Promove aquilo que os gregos chamavam "arte do bem viver" (um viver que não é virado só para si, mas que, visando um aperfeiçoamento, cuida de si ao mesmo tempo que cuida dos outros). E além disso, prepara-nos para a velhice como refere Cícero, nessas duas obras fabulosas "Saber envelhecer" e "Sobre a amizade".

Neste tempo de ausência de referências, de sentimentos de insegurança, só com os amigos encontramos os trilhos que nos permitem valorizar a reflexão questionadora, apta a desmascarar o império da retórica, a fazer luz nos conflitos interiores e a conduzir-nos ao encontro de um sentido para a vida que comprometa a vontade de ser feliz com a de construir um mundo mais justo e humano.

Os amigos não nos deixam desorientados, sem rumo na vida, porque só eles percebem que, se falha a busca de sentido, falha a razão da amizade e falha o próprio direito à felicidade.

Talvez, por isso, Edgar Morin nos tenha advertido: "sem afetividade e sem subjetividade, perder-se-ia o sentido da existência, e ficaríamos entregues a leis, equações, modelos, formas" (*Método V*).

É na interioridade que se abrem os sulcos onde o testemunho de vida cai como uma semente que precisa de ser cuidada para germinar um proveitoso saber, um saber que leve ao aperfeiçoamento humano.

Será, por isso, que nos Evangelhos de S. João (14:1) o mais jovem dos apóstolos atribui a Jesus as seguintes palavras: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida" (João 14:1). Foi dito entre amigos, os apóstolos de Jesus, e eles, na sua intimidade com Jesus, souberam interpretar o sentido dessa frase.

A vida é uma viagem que precisa de ter sentido. Precisamos de ter esperança de que há um caminho a percorrer em direção a uma espécie de paraíso perdido que queremos recuperar.

Os amigos tornam-nos claro que essa busca de felicidade, mesmo procurada na interioridade, não pode ser feita como se fôssemos náufragos, numa ilha deserta, entregues aos próprios recursos. É certo que temos de ser firmes no rumo que tomamos e isso exige que ninguém tome por nós decisões.

Os amigos sabem isso e não tomam conta de nós. Fazem-nos sentir a paixão pela liberdade e que esta só é autêntica, quando nos responsabiliza pelas escolhas. E que as melhores são sempre as que nos tornam mais humanos, nos ajudam a ir até ao melhor de nós mesmos, onde se ouvem os apelos de uma boa consciência, a que aprendeu a tomar por guia o lema latino: "Honeste vivere, alterum non ladere e suum quique tribuere."

Os gregos já defendiam que é na interação com os amigos, os outros e o próprio mundo que nos tornamos responsáveis; e viam nas relações de

amizade os vínculos que uniam a família, ligavam os indivíduos em torno da religião e do trabalho e promoviam a integração na *polis*.

É na interação com os outros que aprendemos a valorar critérios e a responder às interpelações que fazemos a nós próprios, no nosso próprio interior, e às que nos são feitas. E, como diria Popper, responder às interpelações é ser responsável.

Mesmo quando é difícil conviver com os defeitos e diferenças dos outros, quando sentimos, como na peça de Sartre, que "o inferno são os outros", o problema é sempre o mesmo: só com os outros, e muito particularmente com os amigos, aprendemos a lidar com conflitos, a tirar partido dos nossos próprios erros, a tornarmo-nos mais humanos e a sermos capazes de tomar conta do nosso próprio destino.

Uma reflexão sobre a amizade leva-nos sempre a esse "fundo cultural" a que Husserl chamou "mundo da vida", onde se coloca a interrogação fundamental: o que fazemos para mudar o mundo e nos tornarmos mais humanos?

Mas esta questão depende de uma outra que o pai da modernidade, Immanuel Kant (1724-1804), foi o primeiro a colocar: "o que é o homem?"

E logo advertiu: "Se há ciência da qual o homem tem necessidade é aquela que lhe ensina a ocupar, como convém, o lugar que lhe está destinado na criação e a partir do que ele pode aprender o que é preciso ser para ser homem" (*Observações sobre o Belo e o Sublime*).

A resposta à questão fundamental (o que é o homem?) ganha, assim, uma dimensão ética: visa a compreensão dos seus deveres para com o seu semelhante.

E a explicação para isso encontramos-na na *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. O Filósofo, utilizando os conceitos "meio" e "fim", "valor" e "dignidade", considerou que a pessoa humana não tem equivalência no seu valor e, por isso, está acima de qualquer preço, tem um valor absoluto. Nunca pode ser tratada como um meio, mas sempre como um fim.

A sua dignidade, igual em todos os homens, é o valor-fonte de todos os valores. E esta dignidade, inseparável da liberdade ou autonomia da razão prática, cria-lhe deveres de respeito para consigo próprio e para com os seus semelhantes.

O aperfeiçoamento humano passou a ser, com Kant, um desígnio da razão prática, a que investiga criticamente os princípios da moral e tem como intento procurar os imperativos categóricos dos deveres morais, válidos para todos os seres racionais, que o homem teria de impor a si próprio.

Reconhecendo na pessoa humana o valor por excelência – "Sê uma pessoa e respeita os demais como pessoas" –, o pensamento kantiano tornou-se fundador dos direitos humanos, contra os quais nenhuma amizade se pode construir.

Mas, ao reduzir o homem à sua natureza racional e ao considerar que a razão só por si cumpriria o desígnio do aperfeiçoamento humano, desvalorizou o mundo da vida, onde temos de contar com a subjetividade, os sentimentos e a empatia e onde se desenvolvem os contextos a partir dos quais o homem foi substituindo o egoísmo pela solidariedade, a inveja pela generosidade, a crueldade pela tolerância, a vingança pela justiça e se tornou mais humano.

Mas, depois de Freud nos ter advertido que há um inconsciente que fala em nome da razão, tornou-se impossível deixar de contar com as contribuições dos afetos para selecionar e validar escolhas, posturas e comportamentos, o que nos remete para a importância da amizade na educação dos sentimentos.

Não é, por isso, irracional aceitar que as melhores escolhas, as que nos orientam para o sentido do bem, do dever, do que nos torna mais humanos, não possam derivar de empatias ou sentimentos que se ligam a componentes instintivas, que nem sempre valoramos.

Charles Darwin (1809-1882) chamou-nos a atenção para o facto de, na própria evolução dos seres vivos, as melhores formas de adaptação serem altruístas: a formiga, por exemplo, carrega os alimentos para as larvas porque essa lei corresponde à melhor forma de salvar a espécie.

Somos seres do mundo e no próprio emergir da vida ficamos abertos a tudo o que possa significar o lado que maximiza as potencialidades da vida elevando-a ao nível do espírito. E isso assenta numa evolução harmoniosa que tudo liga no universo.

Foi inspirando-se nessa conceção que um notável teólogo e filósofo, Teilhard de Chardin (1881-1955), nos veio dizer que a seta do devir, dirigindo-se sempre para o mais alto, fez a convergência, não só da matéria com o espírito, mas também do humano com o religioso (*O Meio Divino*).

É curioso que, num contexto em que a "morte de Deus" foi anunciada e se gerou um profundo ceticismo sobre os "amanhãs que cantarão", em que os "Mestres da Suspeita" puseram em causa todos os pilares que alicerçaram a modernidade e em que, em nome da ciência, particularmente de um evolucionismo, se pôs em causa tudo o que havia sido dito sobre o universo, a vida e o homem, um Filósofo e Teólogo tenha aberto novos horizontes para pensar Deus a partir da própria emergência do Cosmos, da Vida e do Homem, conciliando as preocupações científicas com as teológicas.

A partir de Teilhard de Chardin já não podemos julgar que a única interpretação do valor do Homem é a que o reduz a uma racionalidade que o desliga da evolução da vida.

Este Homem da Igreja, tão admirado como contestado, inscreveu a razão num lugar privilegiado do "acontecer" evolutivo, na fase em que a energia do espírito "se enrolou sobre si mesmo" e se tornou reflexão, consciência

autodirigida. E nessa fase, irrompeu o humano, e o homem, à imagem de Deus, se tornou no “alfa e ômega de todas as coisas”.

Para o Filósofo e teólogo, a divindade de Cristo foi o “motor” e o “objetivo final” de um desígnio imanente ao próprio ato da criação que tende para a sua transcendência. E Cristo encerra e completa todo o processo evolutivo, como o ápice de uma abóbada.

Muitos filósofos e poetas se inspiraram nesta concepção cósmica de Deus. A sua mensagem não só sublinha a harmonia da evolução cósmica, como também serve a grandeza da dignidade humana e é bandeira na luta contra as ameaças da tecnociência sobre a natureza e a vida.

O próprio Teixeira de Pascoais, em seus poemas e outros escritos, exaltou a dignidade ontológica do homem, partilhando pelo corpo o mundo da matéria e a vida pelo espírito.

E se para muitos pensadores, o mundo foi obra da poesia, Teilhard de Chardin considera que é na Religião que o hino do universo se faz ouvir. Naturalmente, o seu otimismo não esconde a existência do mal, das suas ameaças! Mas pensa-o como “sombras da paisagem, profundos abismos, abertos entre cimos” (*O Fenómeno Humano*).

De facto, esses profundos abismos, feitos de solidão, angústia e desespero só podem ser compreendidos como perdas de confiança na grandeza do Homem. Nesses contextos dramáticos, tal como na linha dos riscos, olhamos de viés para o juízo que, no século XVII, Hobbes fez, no *Leviatã*: “homo homini lupus”.

É nestas circunstâncias que mais importa ter em atenção as palavras de Heidegger (que o Prof. Arnaldo de Pinho conheceu bem ao frequentar um dos seus seminários): “[é preciso] reflectir e velar para que o Homem seja humano e não inumano” (*Carta sobre o humanismo*).

O Filósofo alemão defende um humanismo que não se apegue, como acontecia com o primeiro humanismo grego, à mera ideia de que o homem é um ser racional, dotado dessa capacidade específica, mas, em todo o resto, um mero ente entre os demais; nem pense, como Karl Marx, o homem a partir da sua condição social.

Para Heidegger, o Homem, como humanidade, indivíduo ou comunidade, povo ou grupo, está no centro de toda a existência. Só ele pode “desvelar o ser”, porque todo o ser se manifesta na linguagem, é nela que mora. A realidade não existe fora das ideias e precisa da linguagem para ser desocultada e valorada.

Falar, no entender do Filósofo, equivale a fazer surgir o ser, desocultando-o. No viajar na sua vida, o homem não pode esquecer o SER, é obrigado a conhecer a terra que pisa e a tornar-se “pastor do ser”: olhando pelas “coisas” que desvela, medindo, avaliando, valorando ou desvalorando-as.

Fazendo parte do ser, pode colocar-se de fora do ser e representar a realidade com retidão; isto é, de harmonia com a dignidade do homem, colocando o homem no centro e não na periferia da existência. E é nisso que consiste o saber "velar pela sua própria humanidade".

Mas Lévinas, que sentiu o que é ser judeu numa época marcada pela dominação do homem sobre o outro homem, repudia a ontologia heideggeriana. Quer que a filosofia reflita o mundo vivido, tome como referência a história do povo judaico empenhado na sua salvação, parta do Eu em direção ao Outro.

No seu entender, no lugar do Ser deve ser colocado o Outro, o que não pode ser possuído nem representado pelo "mesmo", nem faz número "comigo", nem é uma alteridade formal. Tem um rosto, é diferente de "mim" e só pode ser compreendido a partir da sua história, do seu meio, dos seus afetos, dos seus desejos, da sua alteridade que não é formal.

Acusa a ontologia de Heidegger de ser uma filosofia que pensa o ser de uma forma totalizante, não respeita a diferença e, por isso, é violenta. No seu entender, foi a indiferença pelo Outro que tornou o homem propenso para o mal e daí as trágicas consequências dos hediondos horrores de Auschwitz.

Defende um humanismo que recuse a indiferença, seja liberto de egoísmos e da autoexclusão para ser capaz de estender a mão ao outro, pondo nesse estender de mão, em comum, o mundo que até então julgava seu.

Não há conceção filosófica que melhor ajude a compreender a amizade do que a reflexão que o Filósofo judaico faz sobre o Outro. É a partir da forma como olhamos e percebemos o Outro, que construímos o modo do nosso viver coletivo nesta casa comum, o mundo. Por isso, considera que a Filosofia não é mera especulação metafísica: visa sobretudo a valoração e respeito pela dignidade do Outro no mundo da vida, tornando-se, sobretudo, numa ética.

Perante o Outro, que se manifesta com o seu rosto humano, damos conta desse aspeto importante que já referimos: a nossa responsabilidade. Uma responsabilidade que, no dizer de Lévinas, é infinita: "leva a ver no rosto do Outro o olhar de Deus" (*Totalidade e Infinito*).

Pensar o homem a partir do seu "ser-no-mundo" dá ao humanismo uma nova dimensão. Não somos indivíduos entre outros, sem raízes, nem circunstâncias, nem futuro, onde a vida, perdida numa existência, já não é, como diria O'Neil, poesia – é só vidinha."

Hoje, vivemos uma época em que se sacralizam os bens de consumo e é preciso ter em consideração o que escreveu o teólogo John Pawel: "as coisas não são para amar e as pessoas para usar, mas o contrário."

Reconhecer a dignidade transcendental do outro implica aproximarmos-nos do Outro, com quem estamos infinitamente comprometidos, pelo diálogo.

Um diálogo que não é mero ato locutório, mas, como lhe chamou Habermas, "ação comunicativa" voltada para o entendimento sincero, o que leva ao acolhimento das preocupações subentendidas.

Se a "existência preceder a essência", como nos garantiu Sartre, então, temos de estar atentos à importância desse fator decisivo para o entendimento recíproco: a subjetividade, aquilo que faz do homem um Homem.

"Somos-ser-com-os-outros-no-mundo" e desta condição temos de retirar todas as consequências. Só na interioridade podemos compreender o que sublinhou Sartre: "estamos condenados na nossa liberdade de escolher, a sermos julgados por aquilo que, subjectivamente, julgamos que todos os homens devem ser" (*O existencialismo é um humanismo*).

A nossa existência está inscrita no interior de um mundo vivido pelos múltiplos e diferentes significados com que a vida, o mundo e os outros são interpretados. É nessa inscrição que se desenvolve uma teia de relações ativas que são dependentes de circunstâncias históricas, culturais, vivenciais, etc. que têm como consequência a interatividade da presença e da corresponsabilidade. Não podemos isolar a nossa responsabilidade das circunstâncias que tecem essa teia.

A este propósito, convém lembrar o conceito de Homem de Ortega e Gasset (1883-1955). A partir da vida experimentada na primeira pessoa, o Filósofo referiu: "eu sou eu e a minha circunstância."

Para o Filósofo, a "circunstância" funciona como um cordão umbilical: não só nos liga à realidade que nos envolve (num tempo, num espaço e numa cultura), como recebemos dela (das relações entre as "coisas" que a circunstância configura) o modo de ver o mundo que orienta a nossa comunicação com os outros.

Não somos meramente um produto da "circunstância", mas esta, embora distinta de nós, age de tal forma sobre nós, que só transformando-a nos transformamos.

Preciso de compreender o papel que a circunstância, a situação que me envolve, reservou para mim e, percebendo-o, entendo "o que faço aqui", no mundo em que vivo.

É nesse momento de consciencialização que surge a importância da questão moral: "só salvando a circunstância me salvo a mim." Ou seja, dou conta de que só posso mudar a minha vida, transformando a realidade, a "circunstância", o mundo em que vivo.

No entender de Ortega, não há aperfeiçoamento moral sem um compromisso com os outros, não podemos separar o que queremos fazer de nós mesmos sem pensar no estado de espírito da sociedade em que vivemos.

O Filósofo sentia que a sociedade do seu tempo era um aglomerado de pessoas indiferentes umas às outras, sem preocupações morais e padecendo

de uma espécie de niilismo que se traduzia pela indiferença e apatia em relação aos seus graves problemas.

Ortega sublinha que, mais grave do que a perda da relevância que torna o homem num valor único, é não se angustiar com essa circunstância: sentir-se bem em ser uma coisa semelhante a outras e ficar insensível às exigências morais.

Para o Filósofo espanhol, não há pior degradação do que a insensibilidade aos problemas da dignidade do homem. Nela reside a causa da ausência de coesão social e da incapacidade para se entender que é uma virtude responder ao desafio fundamental que a todos os homens é colocado: contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, mais livre e mais humana. Entrando nessa degradação, perde-se a capacidade de dar dignidade à própria vida e o homem transforma-se num "homem massa", numa "sociedade de massas".

Ortega pensava na Espanha do seu tempo, na sociedade onde vivia (até ser exilado), tornada por Franco num aglomerado de homens, numa "sociedade de massas". Assim se tornou a sociedade espanhola, e o "homem massa" representa o homem tipo espanhol: apenas uma peça da máquina estatal. E, porque receoso de discutir os seus próprios problemas, era incapaz de se preocupar com a sua imagem, a sua cultura e a afirmação da sua própria dignidade.

Não compreender que só mudando a situação vivida em Espanha mudava a sua vida, era a dificuldade essencial de cada espanhol.

"Sou eu e a circunstância" é, de facto, o guião do papel que desempenhamos na vida. Não podemos escolher a circunstância em que vivemos. É ela que nos atira para o palco da vida e nos obriga a desempenhar o papel que nos atribuiu. Mas os amigos, não sendo o que define a circunstância, são, no entanto, a sua melhor parte. Só fazemos amizade com quem nos sentimos bem, nos quer bem e é capaz de nos estender a mão quando todos os outros desaparecem.

Entre amigos, cada um deixa no outro um pouco de si e, quando são verdadeiramente amigos, reciprocamente se tornam mais humanos, mais sensíveis ao desígnio de partilhar expectativas, criar o "sonho" de um novo mundo, uma nova sociedade mais fraterna e mais justa.

Na amizade percebe-se bem que é enviesado o caminho que leva à derrocada dos ideais, à extinção das finalidades da vida e como é terrível o imenso vazio da solidão. É que basta ouvir chamar amigo para despertar em cada um de nós um sentimento de que vale a pena viver: já não estamos sós e alguém nos atribui um valor.

É certo que fomos apanhados na curva do tempo. Hoje, as gerações que nos sucederam deixaram de investir na reflexão sobre o homem, a vida e o mundo que cimentou amizades e estimulou preocupações filosóficas.

Poucos acreditam, hoje, nas virtudes da amizade desinteressada, da consciência do dever, do papel das instituições, da força do compromisso. Deparamo-nos na curva do tempo com a perda da interioridade num vazio camuflado de frenesim por tudo o que é novo.

As novas gerações estão numa corrida à procura do que está à sua frente, identificando o novo com o "bom". Esta neurose dos novos tempos gera uma espécie de alzheimer cultural.

O que importa, agora, é o presente e apenas o presente. E, no presente, o que interessa é cada um viver para si próprio, investir no seu eu, nos seus interesses privados, orientando-se por um narcisismo que procura na vida apenas a satisfação de desejos, despreocupado com as raízes que fazem a sua identidade, as tradições que o integram num território, os compromissos que cimentam valores e a solidariedade que os torna mais humanos.

Mas, como afirmou Pascal, "o presente nunca é um fim. O passado e o presente são os nossos meios; só o futuro é o nosso fim".

Sem finalidades, vive-se em função de um pragmatismo que despreza o sentido da continuidade que do passado prepara o futuro. E o narcisismo hedonista só serve a ilusão de cada homem se julgar o umbigo do mundo, como refere Lipovetsky (*A era do vazio*).

Paradoxalmente, a promoção deste individualismo narcisista faz-se num contexto de grande fragilidade: perda do sentido histórico da vida que nos ancorava ao presente e abria confiança no futuro.

Esse sentimento de desamparo foi-se acentuando com o descrédito das instituições, dos aparelhos políticos e numa profunda crise económica, política e social, com as suas consequências no desemprego, na falta de sentido de Estado, nas depressões, na ameaça do risco de pobreza e na ausência de esperança quanto ao futuro.

A amizade, que serviu de centro gravitador dos desafios da nossa relação com os outros e o mundo, parece, nestes novos tempos, ser servida *à la carte*. Sempre travestida de conveniência e possível de ser descartada por força do pragmatismo que orienta o dia a dia.

Os outros, na cultura do individualismo, são estranhos, e os seus problemas só merecem atenção quando dão relevância às preocupações do individual ou ajudam à resolução de egoísmos pessoais.

O centro estruturante do homem, o que configura os valores gerados por uma dimensão histórica, cultural e social, fica vazio e a perda de importância dessas raízes debilita a própria vida individual.

Ninguém pode preencher a vida com um hedonismo que só promove a atenção a si próprio. É neste contexto que se compreende melhor a ideia de Karl Marx: os indivíduos, virados para si mesmos, não fazem história.

É da natureza da amizade fazer com que os amigos se desprendam de si próprios, se ajudem a entender que o homem virado unicamente para a cultura da sua imagem pode parecer simpático, dinâmico e divertido, mas a sua personalidade assemelha-se aos “produtos light”: faltam-lhe as calorias que constroem os critérios do homem de carácter.

Pode estar bem-informado, mas é incapaz de interpretar a sua vida, compreender a dos outros e dar um sentido à sua relação com os outros e o mundo.

Vivemos numa época de hiperinformação. Em nenhum tempo, como o que hoje atravessamos, houve tanta informação disponível e ao mesmo tempo tanta ausência de sentido, valor e finalidade à aplicação da informação. Os novos meios de informação, nomeadamente a *net*, através de *sites*, *chats*, *blogs*, *facebook*s, etc., construíram as babilónias dos novos tempos. Porém, nesta babilónia global não se fala a mesma língua, não há interação comunicativa e, por isso, cada vez há mais solidão.

É que as palavras só se tomam comunicação quando interpretadas pelas interrogações que carregam e só ganham sentido quando se prendem ao mundo vivido, quando a informação que transportam é organizada a partir do interior de cada sujeito, da sua identidade cultural, da sua história e da sua crença.

Já considerava Habermas que a informação visa ajudar cada um a tornar-se consciente de si próprio e do seu papel na relação com os outros e o mundo e só se torna comunicação quando valoriza a partilha de experiências vividas.

Os novos tempos, o tempo em que vivem as gerações que nos sucederam não é fácil, perdeu a memória do que constrói o futuro, fez tábua rasa do contexto vivido, abandonou o sentido poético da vida e sente, por isso, o drama da incomunicabilidade na era da informação.

Refletir sobre Religião e Cultura numa homenagem a um amigo foi para mim a melhor oportunidade para pensar a amizade, como expressão paradigmática duma comunicação que se exerce a partir não só do que é dito, mas também do que já está pressuposto. Significou repensar os valores humanísticos, pelos quais o Prof. Arnaldo de Pinho tem construído a sua vida. E significou um ato de fé no futuro: acreditar que há sempre uma reviravolta para as crises, porque o jogo da vida não termina numa fase de desconfiança do triunfo dos valores que tornam a vida mais humana.

Muito faltou dizer sobre o Professor Arnaldo de Pinho. Outros escreverão sobre a sua imensa obra, como Homem da Igreja, Teólogo, Filósofo e Homem da Cultura.

Procurei interpretar a natureza da amizade, recorrendo a uma incursão pelos diferentes conceitos de humanismo. Espero ter colocado a minha reflexão no lugar onde penso que a vida vale a pena ser vivida, naquele local onde

os amigos nos fazem perceber que não nascemos já feitos, "prontos a que nos sirvam a vida", mas onde crescemos "por fora" e "por dentro", com escolhas, sentimentos e partilha de valores e preocupações. Somos um pouco o que o Outro, os Amigos, a Comunidade faz de nós: "Somos-nós-e-a-nossa-circunstância", como escreveu Ortega.

Arnaldo de Pinho é o Amigo que admiro, desde o tempo em que, deixando o Colégio D. João III, no Marco de Canaveses, com 15 ou 16 anos, o encontrei no Seminário, a partilhar um sonho: o de contribuir para a construção de uma Cidade mais justa e mais humana, uma Cidade que se assemelhasse à imaginada por Santo Agostinho.

Se há um princípio da amizade, creio que ele só pode ter uma máxima, a que persiste em orientar os amigos pelo princípio do poeta: "o sonho comanda a vida".